

MÃO BRANCA: MATRIZES MÍTICAS DO URBANO

Tatiana Morais

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Matriz, violência, transgressão.

Apoiaremos a nossa análise dos elementos míticos recorrentes no “Mão Branca”, grupo de justiceiros que atuou na cidade de Natal/RN na década de 80, tecendo analogias com as manifestações das narrativas do mito de Prometeu, mitos de vingança no cangaço, Exu, entre outros.

O sentido de mito é posto pela filósofa Marilena Chauí (1998) como uma “narrativa de origem reiterada em inúmeras narrativas derivadas que repetem a matriz de uma primeira narrativa perdida”. É a partir dos elementos míticos recorrentes no “Mão Branca” que iniciaremos nossa viagem rumo à matriz de uma narrativa perdida, não entendida aqui como princípio ou célula-mãe, mas como um feixe no qual elementos da mesma espécie estão unidos, entrelaçados e relacionados, circulando ao redor de um tema aglutinador (BEIGUI, 2006:16).

Os pesquisadores Rubens Brito e J. Guinsburg (2006: 18) colocam que “Matriz é um quadro formado por elementos de criação que o artista escolhe para gerar sua obra”. Os autores se referem à busca de uma matriz criativa que relacione os elementos da obra e revele o processo de criação do artista. Logo, o que nos parece essencial, é o levantamento dos temas aglutinadores que se apresentam como constituintes de uma liga temática, por ora intitulada de *matrizes míticas*. Trabalharemos a questão mítica na contemporaneidade a partir da noção de elementos pulverizados e rotativos, migrantes por excelência, remanescentes de narrativas nas quais podemos verificar as semelhanças e pontos de cruzamento em suas diversas maneiras de revelar-se, encenar-se, representar-se.

O personagem “Mão Branca” é colocado como mito urbano porque circulou e se desenvolveu através do meio impresso e tecnológico, circulando e se popularizando através de elementos como cartas, acervo de jornais, cartaz com a logomarca do grupo, assim como publicações de suas listas de execuções¹. Há uma produção tecnológica que movimenta a popularização e conhecimento do “Mão Branca”, uma espécie de dossiê do crime à época.

O filósofo Michel Foucault em sua obra *Os Anormais* trata das duas grandes formas ou temas dos dois foras-da-lei, cuja combinação constitui o monstro humano, o que o autor denominou de “rei incestuoso e povo canibal” (2002: 130). Entre o “soberano acima das leis” e o “criminoso abaixo das leis” há um forte vínculo, dado ainda pelo autor o status de parentesco, já que em ambos o pacto social é quebrado.

O movimento “Mão Branca” usava como justificativa de suas execuções à defesa de órfãos, viúvas e inocentes, para ele o que estava em questão era a concretização de uma justiça, de uma penalidade a ser aplicada em decorrência da ruptura do pacto social. Entretanto, a sua

própria existência era uma transgressão à ordem social, ao se posicionar acima ou abaixo da legalidade, a depender do ponto de análise, rebela-se contra a própria organização social, ora transformando-se num déspota – um “rei incestuoso” que se mantém ativo através de uma prática contínua de violência, abuso e arbitrariedade –, ora em manifestação de um “povo canibal”, legitimado por populares, configurando-se enquanto um grande transgressor.

Desse acompanhamento, chega-se a um dos elementos fundamentais do presente trabalho, o da TRANSGRESSÃO: *Ir além dos termos ou limites; atravessar. Não observar, não respeitar as leis ou regulamentos. Infringir* 2. É esse elemento que nos fornece as pistas para que possamos percorrer caminhos rumo às matrizes míticas presentes no “Mão Branca” e suas possíveis perspectivas de inferência na pesquisa teórico-prática que estamos desenvolvendo.

Começaremos por um dos grandes símbolos da transgressão: Prometeu. No “Dicionário de Mitos Literários” Raymond Trousson (2000: 785) afirma:

“Depois do Romantismo, Prometeu tornou-se, para a cultura ocidental, o símbolo por excelência da revolta na ordem metafísica e religiosa, como se encarnasse a recusa do absurdo da condição humana. Por volta da metade do século XX, as expressões *homem prometéico*, *humanismo prometéico* entraram em moda para sugerir qualquer atitude desafiadora ou contestatória dos valores tradicionais”.

Importante atentarmos para o fato, já apontado em nossa pesquisa, de parentesco entre o criminoso (protagonista) e o déspota (antagonista), dada a visível relação entre o Zeus/déspota e o Prometeu/criminoso. Ambos perturbam a ordem e são desmedidos em suas transgressões; um através do arbítrio e o outro através do roubo, realizando aquilo que elege como justo.

Seguindo o elemento da transgressão, trabalharemos com a questão suscitada pelo mito de Prometeu a partir dos românticos preconizadores da revolta do Homem contra uma ordem, dialogando agora com os elementos presentes no “Cangaço do Nordeste”. Dentre os pontos levantados pelo historiador social Frederico Pernambucano de Mello (2004), nos debruçaremos sobre dois elementos que despertaram conexões bastante relevantes para os objetivos desta pesquisa, a saber: o “Cangaço de Vingança” e o “Escudo Ético” dos cangaceiros.

A perspectiva colocada pelo referido estudioso do “Cangaço de Vingança”, no qual seus integrantes são movidos pela vingança em decorrência de um agravo sofrido (2004:140). É destacada essa perspectiva em nossa pesquisa por encontrarmos elementos transgressores que fomentarão nossa reflexão e conexão com o personagem e o mito (individual/personagem e coletivo/movimento) “Mão Branca”.

No “Cangaço de Vingança” o “Escudo Ético” constituía um importante aliado para que o cangaceiro fosse aceito por ele mesmo, na sua lógica, e por terceiros, podendo contar com

apoiadores solidários em acordo com sua defesa da honra (MELLO, 2004:132). Era o que podemos chamar, por ora, de uma justificativa ideológica.

O poder em demasia ou o *superpoder* aproxima a analogia e parentesco entre as figuras duais do coronel e do cangaçeiro, que ao final imbricam-se e vêm a constituir ensaios e rabiscos do já tão comentado “rei incestuoso” e do “povo canibal” acima assinalados na visão de Foucault. O Cangaço, manifestação do povo canibal, atuou com matanças, roubos, estupros e torturas. Entretanto tais crimes são somente ilustrativos, o que nos interessa é que sua existência subverteu uma ordem conservadora, ameaçou o domínio dos coronéis, do Estado, da ordem litorânea e, conseqüentemente, das relações de poder.

Exu é aquele responsável pelas oferendas, permitindo a passagem, na qualidade de orixá transgressor, banido da mesa de seus pares por suas ações e qualidades desmedidas, cabe a ele ser o guardião, aquele que medeia o plano humano e o plano espiritual, estando em contato com esses dois mundos, transitando por essas fronteiras. Ele tem como elemento o fogo, a “quentura” (BARCELLOS, 2002: 48).

É o desmedido roubo do fogo que condena Prometeu, é a quentura no isolamento do sertão o palco do cangaço, com seus “Guerreiros do Sol” 3. Esses guerreiros atravessados pelo elemento da transgressão prometéica são violentos, pois empregam grande força em seus objetivos e ações e são também estrelas, pois símbolos maiores de transgressão a uma ordem estabelecida.

O próprio “Mão Branca” afere uma relação direta a Exu, implicando princípios comuns: desobediência e transgressão. Nos fenômenos trazidos para enriquecimento de nossa discussão nos mitos Prometeu, “Guerreiros do Sol” e Exu, pode-se destacar os seguintes elementos recorrentes e em cruzamento com nosso personagem: transgressão, desmedida, violência, crime, mito, roubo, fogo e justiça.

Esses elementos são aqueles que compõem a nossa matriz mítica presente no “Mão Branca”, ilustrando de modo vivo e atual os temas míticos recorrentes no nosso fenômeno em análise, vindo a solidificar nossa perspectiva de que o mito está diluído e pulverizado na contemporaneidade, onde os recortes de nossos olhares oferecem inúmeras perspectivas e leituras que nem sequer beiram o esgotamento.

Enfim, nossas reflexões a respeito do processo de (re) criação dos elementos suscitados pelo “Mão Branca” afloram no intuito de contribuir para um mapeamento crítico do caminho dramaturgico que estamos percorrendo em nosso processo de pesquisa teórica, elaboração da dissertação do mestrado, e em processo prático que contará com uma montagem cênica, fruto da matriz mítica criativa que estamos compondo. Pensamos, desse modo, possibilitar um diálogo entre o pensar e o fazer artístico em nossa escritura.

-
1. Logomarca onde o grupo relaciona o mês de Exu/Agosto ao “Mão Branca”. *Jornal DIARIO DE NATAL*. 19/08/80.
 2. Ver o verbete In: *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1987.
 3. Utilizamos aqui o termo “Guerreiros do Sol” à maneira poética de MELLO, 2004, p. 09.

Bibliografia

BARCELLOS, Mario. **Os Orixás e o Segredo da Vida – Lógica, Mitologia e Ecologia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

BEIGUI, Alex. **Dramaturgia por Outras Vias: A Apropriação como Matriz Estética do Teatro Contemporâneo – Do Texto Literário à Encenação**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo-USP, 2006.

TROUSSON, Raymond. “Prometeu”. In **Dicionário de Mitos Literários**. (Org. BRUNEL, Pierre). Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHAUÍ, Marilena. Ética e Violência. *Revista Teoria e Debate*, São Paulo, n. 39, dez. 1998.

BRITO, Rubens e GUINSBURG, J. “Método Matricial”. In **Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas**. (Org. CARREIRA e Outros) Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol – Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa, 2007.